

INVENTÁRIO





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO

PPGLinC

Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura

LitCult

Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Cultura

Profletr@s

mestrado profissional
Programa de Mestrado Profissional
em Letras



EDIÇÃO 36

DOSSIÊ TEMÁTICO

“AS REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA”

Salvador
2025

AS REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Quando nos ocupamos em investigar a historiografia literária brasileira dita hegemônica, sobretudo no que diz respeito a presença das mulheres negras que são mães, deparamo-nos com uma [quase] ausência que perdurou por um longo período. Poucas foram as representações da maternidade negra na literatura brasileira.

Essa ausência pode ser compreendida sob duas perspectivas, que não são, necessariamente, opostas. Aliás, sob certa ótica, podemos entender que elas se complementam. São elas: a escravização no Brasil e seu legado e, por conseguinte, a produção literária brasileira canônica ser constituída mormente por homens brancos cisgêneros, heterossexuais de classe média-alta.

Dada a complementaridade mencionada, optamos por não discutir de forma dicotômica, mas refletir, como base nessa inter-relação, sobre o passado escravocrata que marcou história do Brasil e seus desdobramentos, especialmente na vida das mulheres negras, nas quais o direito à maternidade foi e, por vezes, ainda hoje é negado, assim como os reflexos disso na literatura brasileira.

Embora a teórica feminista negra e ativista antirracista estadunidense bell hooks escreva a partir de suas vivências nos EUA, suas ponderações acerca das experiências das mulheres negras na diáspora, que foram vítimas do sistema escravocrata e de suas reverberações, podem ser utilizadas como base para pensarmos a maternidade das mulheres negras brasileiras, ou melhor, a impossibilidade da maternidade dessas mulheres

Dentre tais considerações, destacamos, por exemplo, a concepção de que tais mulheres foram vistas, conforme é apresentado em *Intelectuais negras* (2015), como corpos sem mentes. Ademais, podemos complementar essa ideia, ao verificar que tais corpos eram “manuseados” a serviço da manutenção do sistema escravocrata, uma vez que durante a escravidão a elas eram atribuídos o papel de “incubadoras para a geração de outros escravos” (hooks, 1995, p. 468).

Para além das considerações que remetem as mulheres negras à concepção de incubadoras, ao longo da história, um outro lugar é conferido a essas mulheres no que diz respeito à maternidade. Fabiana Carneiro da Silva em “Mulher negra entre a maternidade e a violência: a representação rasurada na literatura canônica brasileira” (2016), ao tratar sobre a maternidade das mulheres negras e suas representações, ocupando-se em olhar especialmente para a literatura canônica brasileira, apresenta uma percepção pautada na ideia de que a maternidade surge como interdição.

Se antes apontamos a presença rarefeita das mulheres negras mães na literatura hegemônica, a partir da leitura de Fabiana Carneiro da Silva evidencia-se que as representações dessas mulheres na literatura canônica, de modo geral, são também diminutas. Quando se fazem presentes, frequentemente são marcadas por estereótipos, alguns dos quais reiteram a impossibilidade da maternidade dessas mulheres.

Corroborando o exposto, uma das ideias mais emblemáticas da obra *Casa Grande e Senzala* (2013), muitas vezes, é sintetizada pela frase “branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”. Quando a mulher branca é eleita para o matrimônio, conseqüentemente, são outorgados a ela todos os “direitos” inerentes a esse arranjo social, entre eles, pode-se subentender, a maternidade.

Enquanto isso, a outra parcela que não é destinada ao casamento é constituída por mulheres racializadas. Nota-se, com base na concepção apresentada por Freyre, que tal parcela é subdividida em mulata e negra, sendo, respectivamente, a primeira destinada a servir sexualmente ao passo que a segunda é designada para servir como mão de obra. O ponto de encontro entre essas mulheres, neste contexto, é que elas estão destinadas a servir e, além disso, excluídas do matrimônio e dos aspectos que dele decorrem, inclusive a maternidade.

Tal concepção se comprova quando direcionamos nosso olhar com determinada acuidade às mulatas. Neste instante, interessa-nos abordar, a partir das reflexões de Fabiana Carneiro da Silva (2016), a figura da mulata e a epistemologia do termo. Esse esforço se deve, sobremaneira, à concepção de que a maternidade é interdita às mulheres lidas como mulatas. A estudiosa, sendo mais incisiva, utiliza o termo “esterilidade”, apontando que essa condição é indicada pelo próprio termo, “que advém de “mula”, isto é, a espécie resultante do cruzamento de um jumento com uma égua” (Silva, 2016, p. 545), um animal estéril.

Na literatura considerada canônica, conforme aponta Eduardo de Assis Duarte em “Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade” (2009), mencionado no texto de Silva (2009), as mulheres negras concebidas como mulatas foram representadas como “animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução [...] ser noturno e carnal, avatar da meretriz. (Duarte, 2009, p. 6). Nota-se que, neste estereótipo construído, não há espaço para a maternidade.

Tais considerações nos direcionam a pensar a literatura canônica brasileira e evocar, a título de exemplo, algumas das personagens compreendidas como mulatas. Uma das mais célebres que se faz presente nas discussões sobre as representações das mulheres negras, sobretudo aquelas interligadas ao estereótipo de mulata é Gabriela, presente no romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, publicado em 1958.

Outra que se destaca quando discutimos o tema é Rita Baiana, de *O Cortiço*, publicado em 1890. As personagens mencionadas dialogam diretamente com as proposições de Eduardo de Assis Duarte, à medida que são representadas na e pela literatura e vistas pela sociedade como animais eróticos, as artimanhas e trejeitos da sedução, ser carnal, entre outros.

É importante registrar que os exemplos não se limitam a essas figuras. Nubia Hanciau em *A representação da mulata na literatura brasileira: estereótipo e preconceito* (2002), dedicou-se a pensar as mulheres negras tidas como mulatas na literatura brasileira, evidenciando o estereótipo e o preconceito vinculado a essa construção. Além de Gabriela e Rita Baiana, na pesquisa a estudiosa menciona as seguintes mulatas: a poesia de Gregório de Matos (1623-1696); Vidinha, personagem do romance *Memórias de um sargento de milícias* (1953), de Manuel Antonio de Almeida; Isaura, personagem que dá nome ao romance *A escrava Isaura* (1973), de Bernardo Guimarães; Maria Olho de Prata, do romance *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos.

Diante do exposto, é possível compreender que as mulheres negras foram representadas, com frequência, com traços de esterilidade. Não podemos esquecer da mãe preta, outro estereótipo frequentemente presente na literatura canônica brasileira. Embora algumas mulheres negras carreguem o substantivo “mãe”, é preciso evidenciar que a elas era negado o direito de se relacionar com o seu filho, visto que eram obrigadas a destinar a atenção integral à prole da branquitude. Fabiana Carneiro da Silva em “Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como disrupção do nacionalismo” (2018) sintetiza o exposto ao afirmar que:

Somando-se ao estereótipo da “mulata”, a “mãe preta” configura a outra forma com que a mulher negra foi principalmente representada pela literatura alçada à condição de nacional no Brasil. Em ambas as representações, tolhe-se a possibilidade de que essa mulher seja representada subjetivamente enquanto mãe, na medida em que, num dos casos ela é estéril (conforme indica o termo “mulata”, do qual deriva “mulata”, que se refere à espécie resultante do cruzamento entre um cavalo e um jumento) e, no outro, sua relação com o próprio filho é invisibilizada (Silva, 2018, p. 245)

Após as considerações apresentadas até então, que evidenciam que as mulheres negras, especialmente aquelas lidas como “mulata” e como “mãe preta” não foram representadas na/pela literatura canônica como mãe, conforme pontuou Fabiana Carneiro da Silva, em alguns casos como estéril. Chegamos a um questionamento muito importante: quem foram as pessoas responsáveis pela construção da literatura

compreendida como canônica no Brasil que retroalimentou os estereótipos relacionados às mulheres negras?

A resposta a esse questionamento foi elaborada por Regina Dalcastagnè (2011), quando investigou nos romances publicados nas editoras de maior circulação no país, entre 1990 e 2004, a fim de identificar o perfil dos autores brasileiros deste período. A pesquisadora concluiu que a produção literária é constituída, em sua maioria, por homens, “[...] chama a atenção o fato de que os homens são quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%” (Dalcastagnè, 2011, p. 31). A categoria “homem”, aqui, não pode ser tomada como universal. Por isso, faz-se necessário mencionar que esses autores são, em sua maioria, homens brancos, que viveram no eixo Rio – São Paulo e ocupavam profissões socialmente privilegiadas.

Quando nos deparamos com as representações estereotipadas das mulheres negras na literatura e o perfil dos escritores brasileiros, torna-se evidente a força da afirmativa de Jurema Weneck no texto “Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo” (2010): as mulheres negras não existem. Nos termos da autora,

Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos (Weneck, 2010, p. 10).

As mulheres negras tais quais são apresentadas, mulata, mãe preta e outras representações estereotipadas são, na realidade, construtos de demandas históricas, políticas e culturais calcadas, como pontuou a pesquisadora, na dominação eurocêntrica, no passado escravocrata e no racismo.

A literatura afro-brasileira busca romper com as representações marcadamente estereotipadas, conferindo humanidade àquelas e aqueles que, em virtude da escravização e de seus desdobramentos, tiveram a humanidade roubada, à medida que foram desumanizados por um sistema que reduziu a população racializada a coisas e/ou mercadorias. Desse modo, como afirma Eduardo de Assis Duarte, em *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (2010), estamos lidando com um segmento literário que está, ao mesmo tempo, dentro e fora da literatura brasileira. Dentro, por se utilizar de alguns elementos semelhantes à literatura canônica como, por exemplo, a língua, a forma e alguns processos de expressão. Fora, por romper com alguns ideais românticos oriundos do espírito nacional. Por fim, assegura que a literatura afro-brasileira está

empenhada em “edificar uma escritura que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização” (Duarte, 2010, p. 135).

Sendo assim, pode-se entender que a literatura afro-brasileira propõe, através do texto literário, uma revisão da história, rompendo, portanto, com a história única, aquela construída sob a ótica dos autores mencionados por Regina Dalcastagnè. A maternidade torna-se, neste contexto, uma possibilidade para as mulheres negras, posto que suas representações não estão ancoradas, como comumente se viu na literatura canônica, “nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe” (Evaristo, 2005, p. 2), como apontou a escritora e crítica literária Conceição Evaristo em *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face* (2005).

Diante destas reflexões, interessou-nos reunir estudos que evidenciem essa ruptura, ou seja, textos que abordem as representações da maternidade das mulheres negras, prioritariamente, a partir da literatura afro-brasileira em diferentes gêneros literários.

O Dossiê “**As representações da maternidade das mulheres negras na literatura afro-brasileira**”, Número 36, da Revista Inventário do corpo discente dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, que reúne 21 artigos originais e inéditos que tenham como foco, conforme apontamos ao longo do texto, a maternidade das mulheres negras na literatura afro-brasileira.

Nós, os organizadores, desejamos a todos uma ótima leitura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1969.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (vol. 4: história, teoria, polémica). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. *Terra roxa e outras terras: Revista de estudos literários*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 17 A, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista Terceira Margem*, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2013.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Três, 1973.

HANCIAU, Nubia Tourrucô Jacques. *A representação da mulata na literatura brasileira: estereótipo e preconceito*. 2002.

HOOKS, bell. *Intelectuais negras*. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1995, p. 469.

SANTOS, João Felício dos. *João Abade*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

SILVA, Fabiana Carneiro. Mulher negra entre a maternidade e a violência: a representação rasurada na literatura canônica brasileira. *Forma Breve*, n. 13, p. 451-466, 2016.

Werneck, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 2010, 1(1), 07–17.

EDITOR-GERENTE

Bruno Ferreira Vicente (PPGLitCult)

EQUIPE DO DOSSIÊ TEMÁTICO

Organizadores:

Celiomar Porfírio Ramos (UEA/PUC Goiás)
celiomarramos@gmail.com

Antonio Donizeti da Cruz (Unioeste/PUC Goiás/ PQ 2 - CNPq)
adonicruz@gmail.com

Marinei Almeida (UNEMAT/UFMT)
marinei.almeida@unemat.br

Algemira de Macêdo Mendes (UESPI)
algemiramendes95@gmail.com

Jesuíno Arvelino Pinto (UNEMAT)
jesuino.pinto@unemat.br

COORDENADORES DE PÓS-GRADUAÇÃO ILUFBA

Carlos Felipe da Conceição Pinto – PPGLinC
Fabiana Prudente Correia – PPGLitCult
André Pedro da Silva – ProfLetras